

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE DIREITO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CRIMINAIS

JOSÉ ANTÔNIO GERZSON LINCK

**CRIMINOLOGIA E TRANSGRESSÃO:  
UM LAÇO ENTRE MOVIMENTOS CULTURAIS CONTEMPORÂNEOS**

Porto Alegre

2014

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L634c Linck, José Antônio Gerzson

Criminologia e transgressão : um laço entre movimentos culturais contemporâneos / José Antônio Gerzson Linck. – Porto Alegre, 2014.

232 f. : il.

Tese (Doutorado em Ciências Criminais) – Fac. de Direito, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ghiringhelli de Azevedo.

1. Direito Penal. 2. Criminologia. 3. Transgressão. 4. Movimentos Culturais. 5. Cidadania. I. Azevedo, Rodrigo Ghiringhelli de. II. Título.

CDD 341.59

**Ficha Catalográfica elaborada por**

**Vanessa Pinent**

**CRB 10/1297**

JOSÉ ANTÔNIO GERZSON LINCK

**CRIMINOLOGIA E TRANSGRESSÃO:  
UM LAÇO ENTRE MOVIMENTOS CULTURAIS CONTEMPORÂNEOS**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ghiringhelli de Azevedo

Porto Alegre

2014

JOSÉ ANTÔNIO GERZSON LINCK

**CRIMINOLOGIA E TRANSGRESSÃO:  
UM LAÇO ENTRE MOVIMENTOS CULTURAIS CONTEMPORÂNEOS**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Rodrigo Ghiringhelli de Azevedo (orientador) — PUCRS

---

Profa. Dra. Ana Luiza Pinheiro Flauzina — UniCEUB

---

Prof. Dr. Michel Misse — UFRJ

---

Profa. Dra. Ruth Maria Chittó Gauer — PUCRS

---

Prof. Dr. Ney Fayet de Souza Júnior — PUCRS

Porto Alegre

2014

## RESUMO

Este trabalho de pesquisa compõe discursos críticos ao modelo segregacionista das metrópoles contemporâneas, a partir da descrição de expressões culturais produzidas em camadas sociais distintas. Descreve espaços de exercício livre da cidadania em Porto Alegre, discutindo seus objetivos, conflitos e tensões com o modelo urbano dos enclaves fortificados. Tal narração é justaposta ao discurso dos sujeitos periféricos, através da exposição do projeto artístico observado nas produções do grupo Racionais MC's. A proposta teórica e prática é discutir a viabilidade de manter a discussão sobre desvio e transgressão na criminologia contemporânea, adaptando-a aos modelos atuais de controle e evasão. A proposta metodológica é fazer um esforço de composição através de similaridades entre discursos deslegitimantes do sistema penal produzidos em espaços sociais distintos. Em Porto Alegre, a delimitação é espacial: locais de ajuntamento coletivo de camadas médias, com potência crítica em relação à cidade de muros. No discurso rap, foi analisado o projeto artístico elaborado pelo grupo Racionais MC's, denúncia das relações entre extermínio e segregação dos clientes preferenciais das agências do sistema penal. O principal objetivo teórico foi analisar movimentos culturais posicionados criticamente em relação aos controles da vida cotidiana. O principal objetivo metodológico foi aproveitar a insegurança epistemológica da criminologia para desenvolver uma metodologia polifônica, admitindo recortes díspares de observação. São descritos espaços de exercício livre da cidadania em Porto Alegre, nos quais as regras de controle usuais são subvertidas ou neutralizadas, apontando para aberturas no modelo de contenção da diferença exposto por correntes sociocriminológicas críticas. A análise de artefatos culturais produzidos por sujeitos periféricos aponta denúncia deslegitimante do sistema penal através da exposição de similaridades entre cárcere e periferia, indicando tentativas de descarcerização e desfragmentação espacial. Os dois resultados aparecem envoltos em conflitos e negociações sociais que não admitem sentenças definitivas, mas apontam para tentativas de construção de outras formas de socialidade urbana, distintas dos modelos de segregação espacial.

**Palavras-chave:** Criminologia. Transgressão. Movimentos Culturais. Exercício Livre da Cidadania.

## RÉSUMÉ

Ce travail de recherche compose des discours qui critiquent le modèle ségrégationniste des métropoles contemporaines, d'après la description des expressions culturelles produites dans des strates sociales distinctes. Il décrit des lieux d'exercice libre de la citoyenneté en Porto Alegre, en discutant ses objectifs, conflits et tensions avec le modèle urbain d'enclaves fortifiées. Telle narration est juxtaposée au discours des individus périphériques, par l'exposition du projet artistique observé dans les productions du groupe Racionais MC's. La proposition théorique et pratique est discuter la viabilité de maintenir la discussion sur déviation et transgression dans la criminologie contemporaine, en l'adaptant aux modèles actuels de contrôle et évasion. La proposition méthodologique est de faire un effort de composition par des similarités entre discours de délégitimation du système pénal, produits dans des espaces sociaux distincts. À Porto Alegre, la délimitation est spatiale: des lieux de rassemblement collectif des strates moyennes, avec puissance critique par rapport à la ville de murs. Dans le discours rap, on a analysé le projet artistique élaboré par le groupe Racionais MC's, dénonciation des relations entre extermination et ségrégation des clients préférentiels des agences du système pénal. Le principal objectif théorique fût analyser des mouvements culturels positionnés de façon critique aux contrôles de la vie quotidienne. Le principal objectif méthodologique fût profiter de l'insécurité épistémologique de la criminologie pour développer une méthodologie polyphonique, tout en admettant des tranchages inégaux d'observation. On décrit des espaces d'exercice libre de la citoyenneté dans la ville de Porto Alegre, où les règles de contrôle usuelles sont subverties ou neutralisées, en pointant des ouvertures dans les modèles de contention de la différence exposé par des courants socio-criminologiques de critique. L'analyse d'artéfacts culturels produits par des individus périphériques pointe dénonciation délégitimant du système pénal par l'exposition de similarités entre prison et périphérie, en indiquant tentatives de décarcérisation et défragmentation spatiale. Les deux résultats se montrent enveloppés dans des conflits et négociations sociaux qui n'admettent pas des sentences définitives, mais pointent des essais de construction d'autres formes de socialité urbaine, distinctes des modèles de ségrégation spatiale.

**Mots-clés:** Criminologie. Transgression. Mouvements Culturels. Exercice Libre de la Citoyenneté.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 CENÁRIO: ABERTURA.....</b>	<b>26</b>
2.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA: AS POSSIBILIDADES DA CRIMINOLOGIA COMO MEDIADORA DE TRANSGRESSÕES CULTURAIS HÍBRIDAS .....	26
2.2 CAPTURANDO A DIFERENÇA: INCLUIR ASSUJEITANDO E INVISIBILIZAR AFASTANDO .....	41
2.3 SEMPRE HÁ LINHAS DE FUGA .....	51
2.4 COMO PROCURAR LINHAS DE FUGA: A INSPIRAÇÃO METODOLÓGICA.....	67
<b>3 ANDANDO.....</b>	<b>80</b>
3.1 ANDANDO POR LINHAS DE CAPTURA: NARRAÇÃO DE UMA CAMPANHA MORAL EM PORTO ALEGRE .....	80
3.2 ANDANDO POR LINHAS DE CAMUFLAGEM: A PRAÇA QUE É UMA CAIXA, A PARADA QUE NÃO É DE ÔNIBUS E O ENCONTRO.....	100
3.3 ANDANDO POR LINHAS DE FUGA: A OCUPAÇÃO DE ESPAÇOS CAPTURADOS.....	123
<b>4 ESCUTANDO .....</b>	<b>137</b>
4.1 ESCUTANDO O IMAGINÁRIO DO REALISMO PERIFÉRICO: TRANSGRESSÕES FANTÁSTICO/SIMBÓLICAS NO GRUPO RACIONAIS MC's.....	138
4.2 ESCUTANDO SUJEITOS PERIFÉRICOS: A VIDA EM CRISE COMO LAÇO COMUNITÁRIO NAS COMPOSIÇÕES DO GRUPO RACIONAIS MC's.....	148
<b>5 CENÁRIO: FECHAMENTO .....</b>	<b>166</b>
5.1 TRANSGRESSÃO (“AÇÃO DE PASSAR DE UMA PARTE À OUTRA”): DOS ENCLAVES FORTIFICADOS AO EXERCÍCIO LIVRE DA CIDADANIA .....	166
5.2 TRANSGRESSÃO (“AVANÇO DO MAR SOBRE ÁREAS LITORÂNEAS”): O AVANÇO DA AFETIVIDADE SOBRE A ARIDEZ URBANA .....	172
5.3 TRANSGRESSÃO (“AVANÇO DO MAR SOBRE ÁREAS LITORÂNEAS”): O AVANÇO DA MEDIAÇÃO CULTURAL SOBRE O CONTROLE VERTICALIZADO .....	183
5.4 TRANSGRESSÃO (“AÇÃO DE PASSAR DE UMA PARTE À OUTRA”): A CRIMINOLOGIA COMO COMPOSIÇÃO DE TRÂNSITOS ENTRE MOVIMENTOS CULTURAIS CONTEMPORÂNEOS.....	198
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>207</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>219</b>

# 1 INTRODUÇÃO

A primeira vez que decidi começar o trabalho estava bastante implicado na forma com que Karim Aïnouz construiu o filme *Madame Satã*<sup>1</sup>, sobretudo a produção de personagem que transita por diversos espaços, por diversos gêneros, por diversas produções de subjetividade. Decidi investigar os escritos acadêmicos sobre o tema. Não tinha interesse específico em utilizá-lo no trabalho, mas a heterogeneidade constitutiva do personagem problematizava tanto as “produções de imagens de identidade” como as “transformações dos sujeitos ao assumirem estas imagens”, salientando mais os intervalos do que os momentos de permanência dos etiquetamentos identitários<sup>2</sup>.

Não se trata de desvalorizar as imagens identitárias, como se a aparência<sup>3</sup> estivesse aquém da realidade, mas lembrar que o próprio curso de produção imaginária já transforma o sujeito que irá assumi-la. A crítica que Gilberto Velho<sup>4</sup> aplica às leituras modernas sobre o desvio atinge a binariedade entre os termos “realidade” (a suposta *verdade* do sujeito) e “aparência” (aquilo que *esconderia* o sujeito verdadeiro): “optam pelo psicologismo ou pelo sociologismo”, aplicando divisão do trabalho acadêmico, a qual pode servir para muitas áreas do pensamento, mas, no caso da temática do desvio, fratura o objeto em uma leitura que desconsidera os limites do “campo de possibilidades<sup>5</sup>” em prol do indivíduo implicado ou salienta apenas as determinações sociológicas em detrimento do projeto<sup>6</sup> individual constantemente produzido e alterado tanto pelos sujeitos como pelos mediadores culturais<sup>7</sup>.

O contexto histórico retratado pelo filme (o cenário<sup>8</sup>, o *studium*<sup>9</sup>) é importante para a percepção da singularidade e perspicácia das criações

---

<sup>1</sup> MADAME Satã. Direção: Karim Aïnouz. Brasil/França: Videofilmes: Imagem Filmes, 2002. 1 DVD (105 min).

<sup>2</sup> Sobre o tema, ver GAUER, Ruth Maria Chittó. **A fundação da norma:** para além da racionalidade histórica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011, p. 83.

<sup>3</sup> Sobre o tema ver: MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências.** Petrópolis, Vozes, 1996.

<sup>4</sup> VELHO, Gilberto. **Desvio e divergência:** uma crítica da patologia social. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p.22.

<sup>5</sup> VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade:** ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 132.

<sup>6</sup> VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura:** notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 13-40.

<sup>7</sup> *Ibid.*, p.29.

<sup>8</sup> GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Vozes, 2009, p.29.

<sup>9</sup> BARTHES, Roland. **A câmara clara:** nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: 2012.



identitárias de *Madame Satã*: a artilosidade do seu caminhar pelas frestas das identificações binárias (preto/branco, trabalhador/vagabundo, homem/mulher, homossexual/heterossexual) só é perceptível na compreensão do período histórico. O contexto social é o contraste onde Madame Satã trabalha seus regimes de visibilidade, transitando por escalas que transcendem o visível/invisível<sup>10</sup>: o trabalho de performance não é a busca da visibilidade ou da invisibilidade, mas o deslocar-se sempre entre as inúmeras nuances dos regimes de visibilidade.

As referências acadêmicas sobre Madame Satã são inesgotáveis. Na primeira pesquisa, em menos de quatro horas acumulei mais de 1.600 páginas de artigos e teses acadêmicas sobre a película. Sociólogos, antropólogos, historiadores, juristas, fotógrafos, criminólogos, psicanalistas e cineastas discutindo temas como luz, cor, desigualdade de renda, desigualdade racial, foco, gênero, sexualidade, controle social, sistema penal, escravidão, prostituição, performance, estado de exceção, samba, capoeira, teatro de rua, patriarcalismo, feminismo, resistência cultural, resistência racial, masculinidade e dança. A questão da multiplicidade identitária estava presente na maior parte dos textos, assim como a dignidade na manutenção de uma existência absolutamente matável<sup>11</sup>. Os referenciais teóricos variavam bastante, mas os que mais me chamaram atenção estavam calcados (externamente) nos trabalhos de Florestan Fernandes, sobretudo *O negro no mundo dos brancos*<sup>12</sup> e *A integração do negro na sociedade de classes*<sup>13</sup>. Os autores que dialogaram com Florestan foram especialmente felizes pela plasticidade das áreas abordadas pelo autor na sua segunda fase acadêmica: o trânsito entre antropologia, sociologia, história e — de alguma forma — psicologia social produziu um cadinho fértil para diálogos com a arte<sup>14</sup>.

Não se trata de valorizar os aspectos diferenciais de gênero, nos quais evidentemente estaríamos próximos demais das ontologias que naturalizam

---

<sup>10</sup> MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

<sup>11</sup> AGAMBEM, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p. 90.

<sup>12</sup> FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Global, 2007.

<sup>13</sup> FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. Volume I. São Paulo: Dominus, 1965.

<sup>14</sup> FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. Volume II. São Paulo: Dominus, 1965.

todos os aspectos existenciais. Não é o caso de afirmar que Madame Satã sabia extrair o melhor do homem e da mulher que tinha em si, mas de outra forma, demonstrar que a construção subjetiva do personagem era consciente das inúmeras falhas dos dispositivos binários de sexualidade, aproveitando-se delas para fazer cada dispositivo girar em vão quando se tentava capturá-lo.

O filme apenas suscita o contexto histórico, mantendo o foco na construção subjetiva do personagem. Os dispositivos carecem de uma mínima capacidade de assujeitamento, produção ou alteração da construção subjetiva<sup>15</sup>, caso contrário serão manifestações de violência excessivamente visíveis. Madame Satã, inobstante o mito, não estava completamente incólume ao poder dos dispositivos. Exercia dentro de casa o patriarcalismo violento e arbitrário (seria possível utilizar um estereótipo sem ser capturado<sup>16</sup>, pelo menos um pouco, por ele?) , mas no minuto seguinte poderia estar embalando carinhosamente a filha adotiva da personagem Laurita, exercendo função materna dicotômica ao modelo machista. Deixar-se capturar para logo em seguida empreender fuga, aceitar o estigma para logo depois trocar a etiqueta, estar sempre em reconstrução (sem que isto implique uma repetição infinita, mal-elaborada) — *encenação*, nas palavras de Erving Goffman<sup>17</sup>.

Florestan Fernandes foi muito perspicaz quando demonstrou que o limbo onde foi jogado o negro na história brasileira estimulava espécie de suicídio em massa (nas brigas de rua, no alcoolismo, na prostituição), que, até hoje, é dispositivo presente na estrutura social (ainda que sob outras formas, entre as quais as facções e as toxicomanias duras são exemplares). Não é afirmar que a drogadição<sup>18</sup> seja uma característica dos descendentes de escravos, mas que o processo de subjetivação no qual estão jogados não permite o trânsito em outras modalidades de ascense de si. Madame Satã transitava: a prostituição não era uma situação de captura, mas de jogo existencial — era cafetão inclusive de si.

---

<sup>15</sup> Não estou utilizando as relações entre os dispositivos disciplinares e o processo subjetivo de forma conceitual, ainda que esteja me baseando, neste caso, na obra: FOUCAULT, Michel. **História da loucura**: na idade clássica. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 496.

<sup>16</sup> A palavra captura está sendo utilizada de forma não conceitual, buscando comportar tanto a temática exposta por Foucault, quando discorre sobre o termo *dispositivo*, quanto a aplicação de Agamben ao período contemporâneo (AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009, p. 400).

<sup>17</sup> GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2009.

<sup>18</sup> Sobre drogadição e juventude nas camadas periféricas nas décadas de 70 e 80, ver: BATISTA, Vera Malaguti. **Difíceis ganhos fáceis**: drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

A cocaína era um objeto presente, mas não concentrava os prazeres e as condutas. Tudo no personagem é escorregadio, duvidoso, questionável. Madame Satã não batia a cabeça na parede, não jogava o corpo contra a navalha da polícia; a *Mulata do Balacoxê* era sempre outro quando poderia ser atingido. Inclusive um outro que sabe sofrer quando o ferimento é inadiável.

As tentativas criminológicas de superar a ontologia determinista paradoxalmente habilitam e adiam as possibilidades de problematizar tanto as performances de evasão dos dispositivos de construção subjetiva da modernidade recente como dos processos de dessubjetivação e construção especular de si presentes na contemporaneidade. Os dois processos são inegáveis, bem como suas possibilidades cumulativas e multiplicadoras, mas seria possível se ausentar dos processos positivos de construção subjetiva sem ser capturado pelos dispositivos negativos de subjetividade (dessubjetivação), tão presentes na contemporaneidade (da reprodução infinita de conexões virtuais abortadas à medicalização da existência)?

Um dos problemas em se abordar criminologicamente esta questão é a tradição enciclopédica da criminologia, em que a possibilidade de encontrar os desvios contemporâneos é obstaculizada pela necessidade de encaixe em áreas de pensamento (criminologia cultural, sociologia da violência, antropologia jurídica etc.) que invocam uma necessidade constante de buscar na bibliografia uma justificativa plausível para a definição de um trabalho como *criminológico*. De fato, esta não é uma característica exclusiva da criminologia, mas a demarca fortemente. A visualização de dispositivos de controle e repressão em livros como *Travestis*<sup>19</sup> é tão pertinente quanto em manuais criminológicos. O vínculo afetivo entre o autor e as vidas que retrata, o vínculo afetivo entre o autor e as palavras que dispõe no texto, o vínculo afetivo entre o leitor e os sujeitos representados... Tudo difere da forma de apresentação característica dos manuais criminológicos<sup>20</sup>, embora o desvio/etiquetamento seja discutido em todas as páginas.

---

<sup>19</sup> SILVA, Hélio R. S. **Travestis**: entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

<sup>20</sup> Destaco aqui a crítica aos modelos lógicos produzidos pela criminologia presente em PANDOLFO, Alexandre. **A criminologia traumatizada**: um ensaio sobre violência e representação dos discursos criminológicos hegemônicos no século XX. Lumen Juris: Rio de Janeiro, 2010, p. 33.

A obra de Hélio Silva é uma representação de vidas que permaneceriam na obscuridade caso o autor não existisse, mas é também uma representação do próprio autor. São as palavras afetuosas e o respeito do autor às pessoas representadas que tornam o livro absolutamente singular. A função-autor<sup>21</sup> no livro de Hélio Silva é a criação de uma forma de diálogo entre os sujeitos representados, o autor e o leitor que problematiza, mas que não se deixa aprisionar pelas discussões teóricas sobre representação e ética na antropologia; ocorre que tais discussões ficam muito agudas quando o autor passa a efetivamente *estar junto* desses sujeitos que representa.

A situação de ir a campo com a teoria estruturada provoca sempre um risco maior (ainda que fundamental) de emprestar ao texto uma função-autor um pouco blasé, distanciada. Não é o caso de *Travestis*. O livro conta histórias que dependeram de maneira decisiva de um sentimento que aconteceu na relação entre o autor e os sujeitos representados. E o tempo em que isto ocorreu foi fulcral para que as histórias sejam aquelas que ali estão — e não outras talvez menos ou mais belas do que as que seriam retratadas dois anos antes ou depois.

Todo trabalho acadêmico está em relação com o tempo e possui peculiaridades em sua função-autor, mas a relação que particularmente gostaria de problematizar é a fatal inexistência de representação que aquelas vidas teriam caso não tivesse ocorrido o encontro entre o autor e os sujeitos. Esta função-autor exige que a escrita seja, também, expressão de si. A função-autor que Hélio Silva exerce é nitidamente diferente da função-autor exercida na escrita de manuais de criminologia. Não há nenhum propósito em hierarquizar tais funções, mas importa torná-las singulares no seu modo de exercer a escrita.

O estilo não é uma peculiaridade da literatura, do cinema ou das artes em geral; toda expressão gesta a discussão sobre a forma de sua produção, mesmo que insidiosamente. A criminologia, sobretudo *jurídica*, parte de um pressuposto de validade em que a função-autor exerce mais um rótulo de legitimidade do que de singularidade. Serve mais para garantir a segurança das informações do que para expressar um certo modo de fazer criminologia: *que importa quem fala?*<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> O sentido e as implicações das diversas funções que podem ser exercidas por um autor foram inspirados em: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Alpiarça: Passagens, 2000.

<sup>22</sup> FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Alpiarça: Passagens, 2000. p. 34.

É uma forma de produção acadêmica muito importante, mas que não esgota as possibilidades de pesquisa e apresentação dos objetos criminológicos.

O objetivo do trabalho é problematizar as possibilidades de manutenção da discussão sobre o *desvio*, incorporando tanto as críticas criminológicas sobre o termo, decorrentes do etiquetamento inerente à acusação social, como aquelas advindas da antropologia contemporânea, que desarticulam a fixidez identitária da etiqueta desviante. A teoria que costura a observação realizada em espaços de exercício livre da cidadania<sup>23</sup> em Porto Alegre está calcada na discussão que tensiona os *campos de possibilidades*<sup>24</sup> com os projetos individuais dos sujeitos e grupos sociais. O pressuposto que estrutura a pesquisa e serve como espelho contraposto da observação é a característica de *cidade de muros* das metrópoles contemporâneas e os desvios ao modelo segregacionista, que irromperam no início da segunda década do século XXI.

O segundo objetivo da tese é verificar as interações entre este projeto de sociabilidade observado em zonas centrais de Porto Alegre e expressões culturais periféricas, especificamente o projeto de sociabilidade e construção ética presente no discurso rap, a partir da análise dos artefatos culturais produzidos pelo grupo Racionais MC's. A dissonância entre os objetos de análise adveio da tentativa de incorporar as discussões metodológicas e epistemológicas presentes tanto nos trabalhos de Michel Maffesoli como de Howard Becker.

A recepção da teoria interacionista do desvio — ao focalizar, no Brasil, o problema da acusação de desvio como forma de conflito político — aponta para os mecanismos de poder envolvidos na negociação da realidade, desmistificando os modelos funcionalistas de patologia social. Dentro do conflito político encontramos também a expressão de modelos culturais contraditórios que se revelam através de padronizações particulares dos aspectos afetivos e

---

<sup>23</sup> A expressão foi elaborada a partir da sugestão da banca examinadora do projeto de tese de criar uma categoria que procurasse dar conta dos locais pesquisados. Utilizo a expressão como uma das formas de nomear espaços onde há menor coerção vertical. Não estou indicando liberdade plena, mas ausência dos controles cotidianos tradicionais: a relação de emprego nos espaços de trabalho, a relação geracional/moral na família, o controle privado nos espaços de consumo etc. Penso que conceituar com maior densidade tornaria improvável a utilização da expressão com a amplitude que desejo, por isto irei aprofundá-la durante o desenvolvimento do trabalho, no próprio corpo do texto.

<sup>24</sup> VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade**: ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 132.

emocionais dos indivíduos, e não apenas através da particularização de interesses materiais propriamente ditos. A divisão do trabalho acadêmico, no campo criminológico, denuncia sobretudo questões de dominação material que envolvem o fenômeno da rotulação. Como o desvio não se resume ao aspecto material (embora a questão esteja sempre presente), há a possibilidade de leituras que demonstrem transgressões de grupos relativamente distantes economicamente, mas cujo valor simbólico do desvio permite aproximá-los quanto ao significado dos seus atos<sup>25</sup>.

Neste sentido, a acusação de desvio ou o objetivo do projeto transgressor sempre possuem uma dimensão moral que denuncia a crise de certos padrões ou convenções que dão ou davam sentido a um estilo de vida de uma sociedade, na hipótese de que existem projetos alternativos de sociabilidade sendo produzidos em espaços diversos e conflitantes, mas que interagem e são porosos entre si. Reflexo, sobretudo, da interação entre as redes de socialidade<sup>26</sup> e a multiplicidade identitária que caracterizam o período contemporâneo: “o nascimento de novas conexões que extrapolam as dualidades minoria x maioria, capital x trabalho, Estado x sociedade etc.”<sup>27</sup>

A construção de minha trajetória acadêmica foi fortemente influenciada por Howard Saul Becker. *Outsiders*<sup>28</sup> foi o primeiro trabalho sobre desvio que li, e a forma de sua construção foi um dos motivos pelos quais decidi me aproximar da temática da tese. A obra *Falando da sociedade*<sup>29</sup>, por sua vez, possui como foco de problematização a metodologia e a epistemologia. O autor insiste na necessidade de fazer cruzamentos de *tipos de meios* diversos (filmes e tabelas; modelos estruturais e entrevistas; músicas e tabelas; tabelas e etnografia; campos dicotômicos etc.). Quando me deparei com a necessidade de colocar algumas redes de socialidade verificadas na cidade de Porto Alegre ao teste do

---

<sup>25</sup> VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura:** notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 61.

<sup>26</sup> O termo não está restrito as problematizações realizadas por Michel Maffesoli, mas está problematizado em: GAUER, Ruth. **A fundação da norma:** para além da racionalidade histórica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011, p. 99. Quando o significado fugir muito da expressão utilizada pelo autor, utilizarei outros termos como sociabilidade, relações sociais etc.

<sup>27</sup> GAUER, Ruth. **A fundação da norma:** para além da racionalidade histórica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011, P.83.

<sup>28</sup> BECKER, Howard. **Outsiders:** estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p.22.

<sup>29</sup> BECKER, Howard S. **Falando da sociedade:** ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

confronto com outros modelos horizontalizados de construção ética que transcendessem classificações econômicas ou territoriais e estivesse em relação com os espaços observados, lembrei-me imediatamente desse autor.

A proposta havia sido colocada na banca de qualificação, e eu já tinha algum interesse em realizá-la quando estudei as obras de Michel Maffesoli (*O conhecimento comum*<sup>30</sup>, principalmente) durante o mestrado, sobretudo nas cadeiras de antropologia da professora Ruth Gauer (*A violência totalitária*<sup>31</sup>) e de criminologia do professor Salo de Carvalho (*O instante eterno*<sup>32</sup>). Ocorre que a sociologia francesa (“pós-moderna”, sobretudo) possui muita resistência na criminologia, principalmente na criminologia crítica. A abordagem de Howard S. Becker está alicerçada em outros modelos teóricos, divergentes daqueles que estruturam as obras de Maffesoli; está em tensão com o tema do desvio e orienta claramente a utilização de materiais diversos e focalizações temáticas dicotômicas. Decidi, então, colocar em composição o objeto inicial da tese (construções de sociabilidade em espaços de exercício livre da cidadania) com outra tentativa de construção de sociabilidade que sempre esteve no foco da minha trajetória acadêmica (o discurso rap), focalizando no grupo de maior repercussão e trajetória artística no Brasil (Racionais Mc’s).

Não quero restringir o objeto aos temas estritamente vinculados à criminologia jurídica, e não acho que seja o momento de retornar aos autores que orientam parte das pesquisas sociológicas ligadas ao tema do desvio, como Sutherland, Albert Cohen ou Merton. Tenho muita dificuldade em contemplar rigidez analítica com densidade teórica na análise de artefatos culturais. Não adotei em nenhum momento de minha formação qualquer *escola* teórica. Meus primeiros estudos foram em grupos de pesquisa com referenciais diversos, com professores próximos tanto das temáticas sociológicas como daquelas rotuladas como *jurídicas*.

Os primeiros grupos de estudo que participei eram coordenados pela socióloga Lígia Madeira. Posteriormente, pesquisei em grupos organizados por Salo de Carvalho, na época, identificado com pesquisas da criminologia *jurídica*.

---

<sup>30</sup> MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**: introdução à sociologia compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2007.

<sup>31</sup> MAFFESOLI, Michel. **A violência totalitária**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

<sup>32</sup> MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno**: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. São Paulo: Zouk, 2003.

Meus principais interlocutores — colegas de pesquisa desde a graduação — realizam ou realizaram seus estudos de doutoramento em áreas igualmente diversas (filosofia, literatura, direito etc.). No trabalho de conclusão de curso de graduação fui orientado pelo professor Rodrigo Azevedo (sociologia jurídica), o meu referencial teórico foi Zygmunt Bauman, e situei a temática no *medo urbano* e na discussão contemporânea sobre cidadania. Na dissertação de mestrado fui orientado por Ruth Gauer (história das ideias), problematizando, sobretudo, o pensamento intitulado pós-moderno e suas consequências na temática dos desvios urbanos.

Durante o curso do mestrado me aproximei dos principais escritos de Nietzsche (estimulado por disciplina ministrada pelo professor Salo de Carvalho) e Gilbert Durand (estimulado pela professora Ruth Gauer). Os autores fazem parte do referencial teórico de Michel Maffesoli e orientam seu argumento sobre as tribos urbanas contemporâneas. No mesmo período, procurei assistir disciplinas ministradas por Rodrigo Azevedo, na Faculdade de Sociologia, e de História da Arte, no Programa de Pós-Graduação em História, ministrada pela professora Ruth Gauer. Portanto, a divisão entre criminologia jurídica e criminologia sociológica nunca fez parte da minha trajetória acadêmica, orientada apenas pelo objeto criminológico que vincula tribos urbanas, transgressão e expressões culturais. Não creio que seja um objeto circunscrito a alguma *escola* específica, e minha formação não foi direcionada neste sentido.

A crítica da tipificação de condutas e a discussão acerca da legalidade são importantes para conter o poder punitivo de quem responde/responderá a um processo penal, mas a adoção do discurso de que a opressão estatal está calcada em níveis de legalidade — e, sendo assim, bastaria localizar a repressão normativa ilegal para contê-la paulatinamente através de garantias constitucionais — nega a existência massiva das funções ocultas do sistema penal.

A importância da contenção dogmática do poder punitivo não legitima a subordinação da criminologia aos métodos e temas clássicos vinculados às Ciências Penais. A criminalização primária só permite a condenação dentro dos parâmetros legais mínimos estabelecidos na relação entre a conduta e o tipo penal, mas a estrutura de controle da criminalização secundária e terciária é liberada seletivamente para toda a extensão social, independente das minúcias



legais. A sujeição criminal está em relação com o conteúdo impessoal das normas penais, mas aproxima-se sempre de uma descrição estereotípica cujas consequências são muito mais vastas do que aquelas previstas normativamente<sup>33</sup>.

A transgressão é uma construção sempre em relação com o argumento estruturado pela linguagem dos empreendedores morais, e qualquer operação policial/administrativa causa efeitos em performances existenciais que superam o rol projetado explicitamente pelo aparato normativo: quando um bairro é eleito como *perigoso*, as instituições acionadas não causam efeito apenas nos bares sem alvará, nos traficantes de drogas e em *potenciais criminosos*, mas em toda e qualquer pessoa que estiver na rua sitiada: o trânsito é paralisado, aqueles indivíduos acostumados a serem selecionados pelos *second codes* ficam apreensivos, o público questiona se houve algum incidente violento, os moradores ficarão ainda mais temerosos na semana posterior, visto que a presença da polícia provoca a sensação de que o temor era *real* — confirmando-o e “justificando” o reforço. As práticas de controle possuem sempre a potencialidade de criar insegurança onde não existe e expandir temor onde já existe.

A reação dos grupos afetados pela função oculta da repressão da vida cotidiana é tema crucial para este trabalho, visto que o atuarialismo criminológico é um misto de averiguações a todos baseadas em estereótipos de alguns. Não existe atuarialismo neutro; a denominação das políticas criminais atuariais como “populistas” ignora o fato de que são, sobretudo, elitistas<sup>34</sup>. As coletividades no foco da atuação repressiva podem, neste caso, reforçar suas identidades desviantes e seu elo comunitário. Com isto, a exclusão e o etiquetamento podem ser justificados por conjunções culturais nas quais se coloca um sinal negativo, mas também podem motivar aglomerações sociais através da transformação do conteúdo negativo da etiqueta em atrator de pertencimento comunitário ou construção identitária.

---

<sup>33</sup> MISSE, Michel. **Malandros, marginais e vagabundos**. A acumulação social da violência no Rio de Janeiro. Tese de Doutorado em Sociologia: IUPERJ, Brasil, 1999.

<sup>34</sup> ANITUA, Gabriel Ignacio. **Histórias dos pensamentos criminológicos**. Rio de Janeiro, Revan, 2008.

A ritualização de algumas práticas contemporâneas contidas em grupos, festas e espaços de socialidade servem como *alegorias de união*<sup>35</sup> de grupos *normativa* ou *culturalmente* rechaçados pelo empresariado moral<sup>36</sup>. Ainda que uma série de ideias e ações conexas de coletivos transgressores não tenham unidade discursiva ou consistência rígida, nem por isso deixam de propor uma concepção de conexão social que realizam no próprio ato das práticas coletivas — o meio é a mensagem: sobretudo na *questão urbana*<sup>37</sup>.

Por mais submersas que possam parecer, estas coletividades desenvolvem-se em várias zonas das nossas sociedades, representando microcomunidades relativamente coesas e, ao mesmo tempo, plurais<sup>38</sup>. A multiplicidade deixa espaço para identificações abertas e, se há o risco de uma dessubjetivação massiva, também há a possibilidade de produções existenciais em que o sujeito esteja ativo na construção de si, possibilitando o empreendimento de seu projeto<sup>39</sup> existencial através de interações que deixam espaço para a autonomia nas criações identitárias, sempre em tensão com os *campos de possibilidades*<sup>40</sup> nos quais está implicado.

A sociedade urbana e o urbano persistem e mesmo se intensificam. As relações sociais continuam a se tornar mais complexas, a se multiplicar, a se intensificar, através das contradições mais dolorosas. A forma do urbano, sua razão suprema, a saber a simultaneidade e o encontro, não podem desaparecer. A realidade urbana, no próprio âmago de sua deslocação, persiste e se densifica nos centros de decisão e de informação. Os habitantes (quais? Cabe às pesquisas e aos pesquisadores encontrá-los!) reconstituem centros, utilizam certos locais a fim de restituir, ainda que irrisoriamente, os encontros. O uso (o valor de uso) dos lugares, dos monumentos, das diferenças escapa às exigências da troca, do valor de troca<sup>41</sup>.

Problematizar possibilidades de investigação criminológica das tentativas profanas de tornar o espaço urbano ao mesmo tempo um local de encontro de diferenças e de produção de si, resistindo ao modelo da guetificação e

---

<sup>35</sup> XIBERRAS, Martine. **A sociedade intoxicada**. Lisboa: Piaget, 1989. p. 194.

<sup>36</sup> BECKER, Howard. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p.22.

<sup>37</sup> CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

<sup>38</sup> XIBERRAS, Martine. **A sociedade intoxicada**. Lisboa: Piaget, 1989. p. 197.

<sup>39</sup> VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 13-40.

<sup>40</sup> VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade**: ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 132.

<sup>41</sup> LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001, p.85.

ascetismo, é um dos objetivos do trabalho. Vera Malaguti Batista, problematizando o atuarialismo periférico (misto de etiologia escravocrata com tecnologia), demonstra como nos espaços centrais, periféricos e boêmios das cidades cada vez mais é o oficial de plantão da polícia ou algum secretário administrativo que decide se vai haver festa ou baile funk<sup>42</sup>. A contemporaneidade tornou as práticas de uso do espaço uma questão emergente e inadiável, próxima de uma emergência cultural<sup>43</sup>. Talvez existam laços simbólicos entre as manifestações urbanas de ocupação do espaço público que ocorrem nas zonas centrais (como consequência de uma angústia urbana pelo modelo asséptico<sup>44</sup> de controle) e as manifestações periféricas (como os *rolezinhos*<sup>45</sup> e os bailes rap), decorrentes da percepção acerca das práticas segregacionistas das metrópoles contemporâneas.

Uma das maneiras de fazer antropologia urbana é observar as emergências. A antropologia das emergências está interessada nos processos, sobretudo no curso dos acontecimentos que estão em formação<sup>46</sup>. A existência concomitante de projetos nas camadas médias, que propõem outros regimes de sociabilidade com manifestações artísticas periféricas que estruturam horizontalmente um laço ético, instaura uma crise nos processos de negociação social por instalar um dispositivo de inclusão ao mesmo tempo indissociável e em competição com a mediação<sup>47</sup>. A experiência da complexidade urbana não é igualmente distribuída; sua principal característica é a coexistência de diversos mundos e correntes culturais que “expressam diferentes modos de relacionamento e interação com a realidade, assim como múltiplos

---

<sup>42</sup> BATISTA, Vera Malaguti. **Introdução crítica à criminologia brasileira**. Rio de Janeiro: Revan, 2011, p.99.

<sup>43</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 777-814.

<sup>44</sup> O termo assepsia representa melhor o modelo de controle urbano problematizado por Zygmunt Bauman, a partir da discussão sobre ordem, classificação e limpeza de Mary Douglas. Por vezes, utilizo a palavra *ascético* na tentativa de problematizar a discussão de Nietzsche em *Genealogia da moral* (NIETZSCHE, F. W. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 1997, p. 87.).

<sup>45</sup> Prática de ocupação de centros comerciais por jovens de periferia com usos e historicidades diversos, muitas vezes sendo foco de repressão e campanhas morais.

<sup>46</sup> AGIER, Michel, **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Terceiro Nome, 2011, p.191.

<sup>47</sup> PENNA, João Camilo. **Escritos da sobrevivência**. Rio de Janeiro: 7letras, 2013, p. 282.

pertencimentos e identidades simultâneas: há mundos mais restritos e estáticos e outros mais abertos e dinâmicos<sup>48</sup>.

Há interação entre a ocupação de um shopping por moradores de periferia e a ocupação de locais públicos por grupos de resistência cultural, pois o atuarialismo e a *cidade de muros* são um modelo de controle que totaliza o sentido das políticas de controle em uma suposta ausência de sentido preventivo e projetivo de longo prazo, ainda que a seletividade permaneça na intensidade da violência exercida, e a continuidade niilista seja, em si mesma, um projeto.

A aceitação da inevitabilidade da sociedade do risco, dominada pela racionalidade econômica, implica em gerenciar a criminalidade com técnicas de gestão atuarial. No âmbito criminológico, se abandonada a ideia de que a delinquência existe como consequência de determinadas privações ou problemas sociais. No âmbito da política criminal, o atuarialismo considera que os conceitos econômicos básicos, como racionalidade, maximização, custos e benefícios etc., são fundamentais para entender, explicar e combater de maneira efetiva a atividade criminal. As políticas neo-conservadoras de combate ao delito têm como principal objetivo a dissuasão do delinquente, mediante a modificação do preço do delito, ou a sua pura e simples contenção. Se trata de encontrar políticas de otimização da relação custo-benefício do combate ao crime, com o mínimo custo possível para o Estado<sup>49</sup>.

Optei por problematizar a irrupção cultural de espaços livres de interferência vertical, em que a força da institucionalização agride com menor gravidade e favorece o exercício livre da cidadania<sup>50</sup>. Se a transgressão nestes locais parece estar vinculada a uma reocupação micropolítica do espaço público<sup>51</sup>, em zonas periféricas também está presente uma ânsia de cidadania, encontro e legitimidade de uso do espaço comum. São conflitos diferentes: no primeiro caso, um desejo de liberdade derivado de uma ideologia de defesa social que propaga o medo no espaço urbano e vincula a presença imotivada

---

<sup>48</sup> Ibid., p. 280.

<sup>49</sup> AZEVEDO, Rodrigo Ghiringhelli de. *Visões da Sociedade Punitiva: Elementos para uma Sociologia do Controle Penal*. In: GAUER, Ruth M. Chittó (org.). **Sistema penal e violência**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006. p. 59.

<sup>50</sup> A expressão foi elaborada a partir da sugestão da banca examinadora do projeto de tese de criar uma categoria que procurasse dar conta dos locais pesquisados. Utilizo a expressão como uma das formas de nomear espaços onde há menor coerção vertical. Não estou indicando liberdade plena, mas ausência dos controles cotidianos tradicionais: a relação de emprego nos espaços de trabalho, a relação moral na família, o controle privado nos espaços de consumo etc.

<sup>51</sup> Lembro-me, sobretudo, da frase “protesto não é festa” entoada por grupos mais radicais nas manifestações que ocorreram em Porto Alegre a partir de junho de 2013. No extremo oposto, o empresariado moral retira qualquer conteúdo político destas aglomerações, significando-as — no máximo — como espécie de imaturidade protopolítica.

em espaços abertos como a produção de oportunidades de vitimização. No segundo caso, um desejo de liberdade derivado da permanência dos sujeitos periféricos<sup>52</sup> no foco do controle seletivo desta mesma cultura do controle (sociedade de contenção<sup>53</sup>), sendo o objeto social rotulado que legitima a cultura do medo. Há uma semelhança nestes movimentos aparentemente distantes, vinculados à ascensão de camadas socioeconômicas intermediárias que possuem laços mais descentralizados de contato, bem como à existência de uma disseminação de espaços de mediação propagados nas brechas da comunicação serializada das redes sociais.

Desta forma, acrescento à problemática produzida na pesquisa monográfica e na dissertação outra forma de problematizar conhecimento, através da observação/participação direta. Não irei definir o método como etnografia (antropologia), observação participante (sociologia), deriva (situacionismo) ou análise de artefatos (estudos culturais), pois quero manter o espaço de indefinição que caracteriza a pesquisa criminológica e apostar na associação de campos de saber.

Não tenho dúvidas sobre a insegurança acadêmica e inconsistência teórica que a opção traz consigo, epistemologicamente (opção pela extensão em detrimento da intensidade teórica) e como projeto de vida (a posição de *criminólogo* restringe a atividade docente dos professores em início de carreira e prejudica a “aderência” às linhas de pesquisa da pós-graduação), mas creio que é o momento de definir (ao menos provisoriamente) este posicionamento, tanto em nome da formação que tive como de uma decisão de vida que não está baseada na segurança proporcionada pela definição acadêmica em um campo estável, visto que a criminologia é um espaço de saber sempre ameaçado pelo desaparecimento ou captura disciplinar.

O *problema de pesquisa* está situado no questionamento acerca dos espaços urbanos de *encontro* (entre-lugares<sup>54</sup>) no uso do tempo livre (lazer,

---

<sup>52</sup> D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos:** cultura e política na periferia de São Paulo. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-18062013-095304/>>. Acesso em: 2014-06-24.

<sup>53</sup> YOUNG, Jock. **A sociedade excludente:** exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

<sup>54</sup> “É na emergência dos interstícios — a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença — que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação [nationnes], o interesse

boêmia) e nas expressões culturais periféricas (rap, funk, samba) como exemplos de continuidade, descontinuidade ou reação ao padrão de segregação urbana vigente nas grandes cidades. Possui, também, uma derivação: a indagação sobre os elos entre as manifestações mais características das camadas médias e as expressões culturais periféricas; as mediações culturais. O termo *sujeitos periféricos*<sup>55</sup> está sendo utilizado simbolicamente, as expressões culturais não obedecem a critérios rígidos de classe social. Para tentar oferecer algum rigor, contemporaneamente, considero expressões culturais *periféricas* aquelas que estão em relação às culturas urbanas reprimidas enfaticamente pelo empresariado moral, independente da proximidade com o *centro*<sup>56</sup>. Com isto, espero dialogar com os centros de pesquisa que na segunda década do século XXI começam a levar a sério os projetos culturais desenvolvidos nos interstícios tanto do controle verticalizado como dos modelos horizontalizados de segregação espacial.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de pesquisa compôs discursos críticos ao modelo segregacionista das metrópoles contemporâneas, a partir da descrição de expressões culturais produzidas em camadas sociais distintas. Descreveu espaços de exercício livre da cidadania em Porto Alegre, discutindo seus

---

comunitário ou o valor cultural são negociados. De que modo se formam sujeitos nos 'entrelugares', nos excedentes da soma das 'partes' da diferença (geralmente expressa como raça/classe/gênero etc.)? De que modo chegam a ser formuladas estratégias de representação ou aquisição de poder [empowerment] no interior das pretensões concorrente de comunidade em que, apesar de histórias comuns de privação e discriminação, o intercâmbio de valores, significados e prioridades pode nem sempre ser colaborativo e dialógico, podendo ser profundamente antagônico, conflituoso e até incomensurável?" In: BHABHA. Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p. 20.

<sup>55</sup> D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-18062013-095304/>>. Acesso em: 2014-06-24.

<sup>56</sup> Ainda que possa significar oposição espacial, em relação ao controle, o centro não está em oposição à periferia, visto que foi e pode ser foco da assepsia e das políticas higienistas tanto disciplinadoras quanto autuarais.

objetivos, conflitos e tensões com o modelo urbano dos enclaves fortificados. Tal narração foi justaposta ao discurso dos sujeitos periféricos através da exposição do projeto artístico observado nas produções do grupo Racionais MC's. A proposta teórica e prática foi discutir a viabilidade de manter a discussão sobre desvio e transgressão na criminologia contemporânea, adaptando-a aos modelos atuais de controle e evasão. A proposta metodológica foi fazer um esforço de composição através de similaridades entre discursos deslegitimantes do sistema penal, produzidos em espaços sociais distintos.

A questão implica uma composição na qual o desejo de encontro nas camadas médias não se torne mera variação homogênea ou inclusão neutralizadora da diferença, espécie de reedição dos discursos de democracia racial e cordialidade inata do brasileiro. Neste ponto, importante valorizar os discursos de denúncia do genocídio em ato do sistema penal contra o negro, mas sem negar as discussões de classe, cruciais para a compreensão do Brasil contemporâneo. Ressaltar a questão de classe, mas sem denegar o extermínio racial e, ainda assim, apostar na mediação.

O objetivo foi descrever os movimentos aparentemente contraditórios entre a denúncia dos sujeitos periféricos que deslegitima o sistema penal pelo extermínio e pela segregação espacial que impõe, mas compreendendo o desejo de trânsito pelos espaços centrais destes sujeitos e, ao mesmo tempo, os movimentos de democratização do espaço público presentes nas camadas médias, muitas vezes produtoras de discursos deslegitimantes do mesmo sistema penal. Estar atento não significa ser omissivo às reedições do discurso da docilidade/homogeneidade, mas, ao contrário, valorizar o fenômeno, denunciando quando for mera legitimação do discurso asséptico ou ascético do controle social punitivo. Ao que tudo indica, os mecanismos de violência e controle cotidiano transbordam os mecanismos de contenção do poder punitivo e deságuam em diversos espaços de contestação: mesmo quando estes espaços são brancos, mesmo quando são espaços mais próximos das camadas médias. Em Porto Alegre, a delimitação foi espacial: locais de ajuntamento coletivo de camadas médias, com potência crítica em relação à cidade de muros. No discurso rap, foi analisado o projeto artístico elaborado pelo grupo Racionais MC's, denúncia das relações entre extermínio e segregação dos clientes preferenciais das agências do sistema penal.

O transbordamento da violência é sempre mais intenso conforme a vulnerabilidade: quando nas camadas médias começa a subir a fumaça das bombas de gás é porque a piscina de sangue nas favelas e nos campos de concentração para pobres já transbordou há muito tempo<sup>57</sup>. O argumento aparentemente contraditório entre sustentar a necessidade de valorização das identidades negras em conjunto com identidades múltiplas e fraturadas como forma de libertação nas camadas médias é apenas a constatação de que a complexidade não é fácil de ser problematizada.

A saturação do individualismo é importante na quebra dos essencialismos que legitimam privilégios, na compreensão de sofrimentos que transcendem classes sociais e favorece a lógica das identificações em detrimento da identidade, mas difícil de ser sustentada em um espaço onde qualquer tentativa de construção identitária foi historicamente obstaculizada pelo aprisionamento, pela morte, pelo extermínio, pelos discursos de homogeneização... A multiplicidade identitária, no período contemporâneo, passa pela assunção da identidade e, posteriormente, por sua fratura. Não se trata de defender linearidade nos fatos sociais, mas estar atento ao movimento da questão identitária no país. Se os sujeitos periféricos passaram o final da década de 1980 e toda a década de 1990 construindo um discurso de denúncia do racismo e apoio à autovalorização do negro, contemporaneamente acumulam neste discurso a potência da socialidade e da identificação, mas sem denegar a importância da identidade<sup>58</sup>.

Não há tanta novidade neste ponto. Michel Misse<sup>59</sup> demonstrou como o filme *Rainha Diaba*<sup>60</sup>, representando a história de Madame Satã, reinventou a fusão do malandro com o marginal de morro dos anos 60, do bicheiro dos anos 70 e do traficante dos anos 80; expressão estética do vagabundo que tomaria forma como tipo social quase uma década depois e ainda é pertinente na análise

---

<sup>57</sup> Sobre o funcionamento quantitativo e qualitativo do sistema penal no Brasil, ver FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. **Corpo negro caído no chão: o sistema penal e o projeto genocida do estado brasileiro**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

<sup>58</sup> Sobre o tema da saturação do individualismo e exposição do pensamento dos principais autores que tentam dar conta desta complexidade, ver GAUER, Ruth. **A fundação da norma: para além da racionalidade histórica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011, p. 91-103.

<sup>59</sup> MISSE, Michel. **Malandros, marginais e vagabundos**. A acumulação social da violência no Rio de Janeiro. Tese de Doutorado em Sociologia: IUPERJ, Brasil, 1999, p. 270.

<sup>60</sup> RAINHA Diaba. Direção: Antônio Carlos Fontoura. Roteiro: Plínio Marcos. Brasil: Canto Claro, R.F. Farias, Filmes de Lício e Ventania Filmes, 1974. (106 min), cor.



cultural: “Você está nas ruas de São Paulo/onde vagabundo guarda o sentimento na sola do pé/ não é pessimismo não/é assim que é<sup>61</sup>”. Os movimentos culturais hibridizam a temporalidade, as identidades e até os estratos sociais. Se o vagabundo na representação de Madame Satã presente no filme *Nega Diaba* já era *mistura*, como problematizar a presença do *vagabundo* contemporâneo como modelo existencial que transcende os sujeitos periféricos?

É nesta fronteira, nesta franja dos acontecimentos, que a mediação criminológica pode fazer seu laço. A compreensão da estética racista, do controle de classe e da fragmentação urbana não precisa afastar as discussões sobre a temporalidade contemporânea e suas diversas modulações identitárias. A intensidade das violências nas periferias não aponta, necessariamente, para o consenso nas camadas médias. A observação, ao contrário, fez pensar que há movimento nos *dois lados da ponte*. Movimentos muitas vezes divergentes, mas com potencial crítico que aponta para convergências possíveis nas pautas de denúncia e neutralização do poder punitivo, público e privado.

O principal objetivo teórico foi analisar movimentos culturais posicionados criticamente aos controles da vida cotidiana. O principal objetivo metodológico foi aproveitar a insegurança epistemológica da criminologia para desenvolver uma metodologia polifônica, admitindo recortes díspares de observação. São descritos espaços de exercício livre da cidadania em Porto Alegre, onde as regras de controle usuais são subvertidas ou neutralizadas, apontando para aberturas no modelo de contenção da diferença exposto por correntes sociocriminológicas críticas. A análise de artefatos culturais produzidos por sujeitos periféricos aponta denúncia deslegitimante do sistema penal através da exposição de similaridades entre cárcere e periferia, indicando tentativas de descarcerização e desfragmentação espacial. Os dois resultados aparecem envoltos em conflitos e negociações sociais que não admitem sentenças definitivas, mas apontam para tentativas de construção de outras formas de socialidade urbana, distintas dos modelos de segregação espacial.

A introdução deste trabalho constituiu menos uma apresentação retrospectiva do que uma tentativa de iniciar um diálogo com o leitor; por isso a proposta de começar com a apresentação de uma imagem visual: Madame Satã

---

<sup>61</sup> RACIONAIS MC's. Vivão e Vivendo. Mano Brown [Compositor]. In: **Nada como um dia após o outro dia**; Cosa Nostra, p 2002. 2 CD (ca. 110 min). Faixa 2 (1min 58s).

e suas transgressões à lógica identitária e ao controle verticalizado. No mesmo sentido, tento não construir este espaço como um resumo dos tópicos desenvolvidos na tese, mas uma última imagem, talvez uma última imagem que expresse aquilo que faltou, a ausência sentida do trabalho. *Sentida* porque é realmente o *sentimento* que aflora no momento de encerrar um esforço argumentativo longo, esforço que ultrapassou não apenas as barreiras esperadas da interpretação e expressão verbal, mas também os obstáculos nem sempre esperados da vida que continua ativa durante o desenvolvimento relativamente isolado da escrita.

Comecei a pensar este trabalho caminhando de madrugada, parando em alguns botecos para anotar o que poderia ser perdido no devaneio do pensamento solto. Comecei a escrever este trabalho tentando concentrar a atenção em algo que não fosse o medo da perda, o que era amenizado com o exercício do *transitar*. Encerro o trabalho elaborando a perda. A imagem com que gostaria de iniciar este tópico é a do *rapper* Criolo em um boteco de São Paulo. Encostado no balcão, começa a declamar um rap. O rap é uma releitura da música “Cálice”, de Chico Buarque:

Como ir pro trabalho sem levar um tiro  
Voltar pra casa sem levar um tiro  
Se as três da matina tem alguém que frita  
E é capaz de tudo pra manter sua brisa

Os saraus tiveram que invadir os botecos  
Pois biblioteca não era lugar de poesia  
Biblioteca tinha que ter silêncio  
E uma gente que se acha assim muito sabida

Há preconceito com o nordestino  
Há preconceito com o homem negro  
Há preconceito com o analfabeto  
Mas não há preconceito se um dos três for rico, pai

A ditadura segue meu amigo Milton  
A repressão segue meu amigo Chico  
Me chamam Criolo e o meu berço é o rap  
Mas não existe fronteira pra minha poesia, pai

Afasta de mim a biqueira, pai  
Afasta de mim as biate, pai  
Afasta de mim a coqueine, pai  
Pois na quebrada escorre sangue, pai  
Pai  
Afasta de mim a biqueira, pai  
Afasta de mim as biate, pai  
Afasta de mim a coqueine, pai

Pois na quebrada escorre sangue<sup>62</sup>

Chico Buarque respondeu em formato rap, no primeiro show após a divulgação do clipe de Criolo Doido:

Gosto de ouvir o rap, o rap da rapaziada  
Um dia vi uma parada assim no Youtube  
E disse: quiuspariu, parece o Cálice  
Aquele cantiga antiga minha e do Gil  
Era como se o camarada me dissesse:  
Bem-vindo ao clube, Chicão, bem-vindo ao clube  
Valeu, Criolo Doido, evoé, jovem artista  
Palmas pro refrão doído do rapper paulista:  
Pai, afasta de mim a biqueira  
Pai, afasta de mim as biate  
Afasta de mim a cocaine  
Pois na quebrada escorre sangue

Pai, afasta de mim esse cálice  
Pai, afasta de mim esse cálice  
Afasta de mim esse cálice  
De vinho tinto de sangue<sup>63</sup>

Criolo Doido não é jovem, já estava presente nos primeiros suspiros do cenário rap no Brasil. Ao valorizar Chico Buarque, compositor identificado com a intelectualidade brasileira, Criolo Doido dava um passo na direção da mediação cultural. E Chico Buarque aceitou a mistura, valorizando o encontro. As críticas à ostentação do território no discurso rap, como uma legitimação das fronteiras segregacionistas, não estão equivocadas. Existem inúmeras tentativas de posicionar o rap como um discurso de combate que não aceita diálogo ou qualquer proposta de inclusão, espécie de internalização do modelo gueto do rap norte-americano<sup>64</sup>.

A proposta segregacionista normalmente está acompanhada da crítica ao intelectualismo e, nas propostas mais extremistas, ao próprio movimento artístico: “O rap é compromisso, não é viagem/se pá fica esquisito/aqui, Sabotage<sup>65</sup>”. Se o rap é compromisso, então não é esporte, não é divertimento... Ergue-se uma fronteira dentro do próprio movimento. Porém, a hipótese do rap

---

<sup>62</sup> Disponível em: < <http://www.criolo.net/videos.html>>.

<sup>63</sup> BUARQUE, Chico. Rap de Cálice. Chico Buarque e Gilberto Gil [Compositores]. Adaptação de Criolo. In: **Na carreira** – ao vivo; São Paulo: Biscoito Fino, p 2012. 2 CD. Faixa 10 (1min 06s).

<sup>64</sup> WACQUANT, Loïc. **Os condenados da cidade**: estudos sobre marginalidade avançada. Rio de Janeiro: Revan 2005.

<sup>65</sup> SABOTAGE. Rap é compromisso. Sabotage [Compositor]. In: **Rap é compromisso!** Cosa Nostra, p 1999. 1 CD (ca. 50 min). Faixa 1 (4min 23s).

apenas como *atitude* de violência que não comporta diálogo com a diferença não é um pacto definitivo.

Não se trata de desvalorizar o potencial segregacionista dos enclaves culturais que trabalham sobre o modelo da valorização da comunidade fechada, mas se a crítica às excessivas fronteiras de alguns modelos culturais pode ser aplicada ao rap, a possibilidade que temos de investigar os atravessamentos culturais passa — ainda assim — pela realização de mediação entre as tentativas de produção de laços éticos em camadas sociais distintas, pois algo sempre *escapa* em uma fronteira. A crítica acadêmica sobre a negação da mediação por parte de artistas periféricos deveria, neste caso, atingir o próprio pensamento científico. Como saber se há ou não tentativas de mediação entre as socialidades espontâneas desenvolvidas em camadas distintas, se a investigação dos objetos criminológicos for, ela mesma, sempre restrita a *objetos* sociais investigados isoladamente (delimitação espacial ou econômica)? O método não apenas auxilia na observação, mas também cria a fronteira a ser observada.

A tese problematizou a possibilidade de permanência da discussão sobre desvio na contemporaneidade, desde que o termo não estivesse vinculado valorativamente às normalizações verticalizadas. Por outro lado, a palavra transgressão parece mais apta a discutir o fenômeno, já que o prefixo *trans* deixa poroso o significado da expressão. Porém, ainda que poroso, o termo não pode ser superficial. No segundo capítulo, destaquei que em Porto Alegre existem inúmeros espaços onde há, coletivamente, a produção de formas de socialidade que *transgridem*, desviando não apenas da lógica simbólica dos enclaves fortificados, mas dos próprios enclaves propriamente ditos: vão à rua. No terceiro capítulo, demonstrei que os sujeitos periféricos também realizam esforço coletivo de construção de um projeto de socialidade horizontalizado. A estética é característica de ambos os grupos, mas a estética está tensionada com a discussão ética que ocorre concomitantemente com a produção simbólica. Se realidade/verdade e aparência/imaginário não são termos que possam ser hierarquizados, isto não deriva da ausência de importância de nenhum deles, mas da necessidade de valorizá-los sem categorizações estritas.

Comecei a ler os trabalhos de Teresa Pires Caldeira durante o trabalho de conclusão de curso, por indicação de Rodrigo Ghiringhelli de Azevedo. O

tema do projeto era a cultura do medo, e tentava dialogar com a bibliografia proposta nas aulas de antropologia de Ruth Gauer, que assistia como aluno ouvinte. No mesmo período, percebi que Teresa Pires Caldeira alicerçava parte de suas conclusões em Mary Douglas, leitura presente na cadeira de antropologia. O meu referencial teórico era Zygmunt Bauman, autor que utiliza tanto Mary Douglas como Teresa Caldeira para estruturar suas afirmações sobre a obsessão pela separação nas metrópoles contemporâneas. Após este período, defendi uma dissertação de mestrado, ingressei no doutorado e, ao final da escrita da tese, me deparei com um novo texto (o texto foi publicado no final de 2012, mas li apenas no início de 2014) de Teresa Caldeira, intitulado “Inscrição e circulação”: novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo<sup>66</sup>.

Por um lado, fiquei satisfeito com a proximidade entre o desenvolvimento de seu trabalho e as temáticas das quais me aproximei no decorrer do mesmo período. Teresa Caldeira analisa o rap, a pichação, a circulação urbana nas metrópoles fragmentadas e o significado de atos transgressivos contemporâneos. Por outro lado, percebi que a autora defendia posicionamento bastante dicotômico àquele que estava desenvolvendo na tese. Se nos espaços públicos ocupados por camadas médias, visualizei produções de socialidade abertas ao contato, Teresa Caldeira afirma que os moradores das classes média e alta “se fecham em enclaves fortificados e só contemplam a cidade detrás das janelas fechadas e escurecidas dos carros”. Se compreendia o movimento rap como uma tentativa de construção de socialidade que obstaculiza o genocídio periférico e, ao mesmo tempo, estabelece mediação cultural através da subjetivação artística do “bom malandro” em espécie de convivência antagonista, Teresa Caldeira sustentava o lado perverso deste processo: a negação do Estado de Direito como forma de obtenção, expansão e alargamento democrático.

O consenso entre “Inscrição e circulação” e este trabalho aparece na percepção da manutenção do ódio de classe (“pichação é anarquia, é puro

---

<sup>66</sup> CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Inscrição e circulação: novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo. In: **Novos estudos** - CEBRAP, São Paulo, n. 94, Nov. 2012. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002012000300002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002012000300002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 06 jun 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002012000300002>.

ódio!”), na hierarquização de gênero e na rejeição da assimilação em muitos grupos transgressores contemporâneos. Agora, revisando o trabalho, creio que estejam nestas dissonâncias aquilo que a análise de artefatos culturais e o trabalho de campo trazem de enriquecedor para a pesquisa acadêmica: propiciam divergências, justaposição de análises empíricas díspares.

Não acho que os jovens de classe média estejam escondidos em seus carros e cercas eletrônicas e acho pouco provável que os sujeitos periféricos estejam criando enclaves fortificados que legitimem sua própria exclusão, pelo menos como hipótese generalista. Em Porto Alegre, as Batalhas de MC's ocorrem a menos de 50 metros de algumas ocupações das camadas médias. Ainda que a percepção do cotidiano, o projeto de socialidade, o posicionamento sobre a mediação e a forma de expressão sejam diferentes (e as estruturais sociais estejam relacionadas a esta diferença), penso que a retomada do espaço público como ambiente de contato direto seja uma característica difícil de ser visualizada a partir de recortes socioeconômicos.

A linguagem dos sujeitos periféricos não possui as mesmas interjeições e entonações dos jovens das camadas médias, mas não há criação de barreiras intransponíveis. Não tenho certeza se respondo a pergunta sobre a possibilidade de manutenção da categoria desvio ou se a proposta de utilizar a palavra transgressão é efetivamente mais apta a auxiliar investigações sobre a temática, mas, tendo a cidade de muros como metáfora espacial, creio poder afirmar que jovens de camadas sociais distintas estão sedentos de *desejo* e atitudes transgressivas produtoras de socialidades que talvez não estejam próximas do modelo do Estado de Direito, mas rechaçam abertamente os enclaves e o modo segregacionista de mobilidade urbana característicos do período contemporâneo.

A criminologia como campo de saber próximo tanto da temática do controle como da temática da violência pode ser apta a trazer à tona estes movimentos que não reivindicam da mesma forma os ideais de cidadania dos movimentos sociais tradicionais, mas não sendo mera reprodução, escancaram uma brecha para pesquisas criminológicas atentas ao tema do desvio, da transgressão e dos modelos de convivência metropolitanos.

Se há um modelo de controle segregacionista, há também modelos de convivência que desafiam a segregação. Os enclaves fortificados não afastam

apenas excluindo, mas também assujeitando, produzindo subjetividades em consonância com a segregação, tanto nas camadas médias como nos espaços dos sujeitos periféricos. A construção de projetos e modos de vida alternativos a este processo pode ser visualizada tanto nas periferias como nos espaços centrais. Ocorre que, inobstante desafiarem a exclusão e o afastamento, podem produzir projetos territoriais homogêneos, excessivamente comunitários, voltados apenas para dentro de cada enclave fortificado ou zona de exclusão. É a crítica pertinente aplicada ao movimento rap: o discurso não valoriza a cidadania, mas a *quebrada*; não solicita o encontro, mas quase sempre o confronto. É, também, a crítica aos ajuntamentos contemporâneos centrais: seriam elitistas, excessivamente festivos, divulgados em redes virtuais apenas *supostamente* abertas, repletos de barreiras estéticas e econômicas etc.

A composição deste trabalho foi relativamente arbitrária, creio que seria possível construí-lo de outras formas, produzindo resultados diferentes: analisar o discurso dos grupos médios contemporâneos e justapô-lo a um trabalho de campo na periferia, por exemplo. Seria possível, igualmente, construir um trabalho mais tradicional e analisar apenas o discurso rap brasileiro ou apenas as *ocupações* urbanas efêmeras da segunda década do século XXI em Porto Alegre. Acredito que ambas as construções seriam aptas para desenvolver um projeto acadêmico e talvez trouxessem maior veracidade e consistência à tese. Poderia realizar entrevistas estruturadas e chegar à conclusão mais precisa sobre a *questão de classe* dos sujeitos presentes nos espaços que descrevi.

No mesmo sentido, se há interesse em discutir o discurso rap, por que não realizar trabalho de campo em festas rap ou na periferia e produzir conclusões a partir de discursos emitidos em locais próximos ao que desenvolvo o trabalho? Não tenho resposta para nenhuma destas perguntas; na verdade creio que todas estas combinações poderiam resultar em trabalhos bastante satisfatórios.

Iniciei o trabalho observando espaços de exercício livre da cidadania, sobretudo no turno da noite. A seleção dos espaços procurou evitar uma demarcação que propiciasse hipótese muito provável de ser confirmada. Se a delimitação recortasse um bairro de classe alta, creio que seria muito difícil fugir da hipótese da segregação. Se fosse estabelecido recorte em um bairro periférico, acho pouco provável a visualização de encontros e hibridismos

rotineiros. Procurei, então, estabelecer um recorte *médio* ou *central*: espaços de lazer noturno com possibilidade de permanência fora de estabelecimentos de consumo (queria evitar a restrição de comportamentos causada pelo controle privado).

O trabalho de campo coincidiu tanto com uma empreitada moral ao bairro Cidade Baixa como com a utilização de espaços de exercício livre da cidadania em locais abandonados, absolutamente desertos no turno da noite. Precisei alterar os espaços definidos previamente por exigência do próprio resultado parcial de pesquisa que havia obtido. Isto só foi possível, importante destacar, pelo espaço acadêmico em que estava construindo a tese e pelo conhecimento que tinha deste espaço. Não fiquei inseguro com a hipótese de ter o trabalho rejeitado por alterar o projeto, nem em ampliar o campo de pesquisa, já que o contato com o programa de pós-graduação e com o orientador indicava que o recorte metodológico deveria auxiliar, não confinar o trabalho.

Ampliei, então, os espaços de interação. O primeiro resultado foi a percepção de que não eram atitudes individuais desconexas, havia mais do que  *festa* nos espaços ocupados, por mais festivos que fossem. De qualquer forma, espaços de  *festa* sempre existiram, não seria preciso criar-se novos espaços, sobretudo pela dificuldade de gestão e segurança em locais absolutamente abertos no turno da noite. O segundo resultado do trabalho foi a visualização fática de problematizações que autores como Michel Maffesoli realizavam há bastante tempo: entrecruzamento flexível de uma multiplicidade de círculos cuja articulação forma as figuras da socialidade<sup>67</sup>.

Há atrito em conciliar o pensamento criminológico crítico com as leituras de uma sociologia/filosofia considerada  *festiva*. Mas os resultados do trabalho de campo impuseram sua retomada. Havia confirmado a hipótese do projeto de tese, portanto: sim, existem espaços de exercício livre da cidadania nos quais inúmeros sujeitos transgridem o modelo de controle baseado no afastamento e na contenção da diferença.

Boa parte do trabalho de campo foi construído caminhando. No início, caminhava apenas pelos espaços delimitados. Conforme o desenvolvimento do trabalho, dediquei algumas caminhadas (sobretudo em dias destinados ao lazer

---

<sup>67</sup> MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998, p. 169.



particular) ao trânsito sem rumo; tinha algumas ideias por onde passar mas decidia o trajeto de acordo com o que ia sentindo nos espaços de fluxo.

Recorrentemente, o início e o fim das caminhadas eram realizados ouvindo música. O som que escuto com maior frequência é o rap. Era bastante contraditório, portanto, voltar para casa pensando nos desvios à cidade de muros enquanto escutava “terra de arranha-céu/A garoa rasga a carne/É a torre de babel<sup>68</sup>”. Por vezes, desacreditei completamente do trabalho. Sentia-me “discutindo o barroco alemão durante o bombardeio de Dresden<sup>69</sup>”. Por outro lado, parecia que os sujeitos que transitavam pelos espaços do trabalho de campo estavam reagindo ao mesmo processo narrado nas letras rap. Demorei até expressar esta hipótese. As tradicionais divisões acadêmicas e a forma com que compreendia a criminologia crítica me levavam a crer que o controle sempre favorecia as camadas médias e altas, evidentemente com intensidades díspares. Não era provável que produzissem espaços cuja mensagem está em consonância com o projeto de grupos representativos de sujeitos periféricos.

Precisava, portanto, saber que discurso periférico é este que ameaçava tornar a pesquisa um guia turístico da noite *alternativa* porto-alegrense, sobretudo porque só seria possível afirmar que há sentido em um espaço de exercício livre da cidadania *da ponte pra cá* se houver, ao mesmo tempo, desejo de encontro *da ponte pra lá*. O conceito de camadas médias não é analítico, não se trata de um recorte preciso, sobretudo em locais onde a variação é extensa. Precisava de inspiração metodológica adequada a esta variação, o que tentei construir pela leitura de Gilberto Velho e Howard Becker: no caso de Gilberto Velho, a problematização sobre os mediadores culturais; no caso de Becker, a defesa da polifonia metodológica.

Passei a tentar compreender analiticamente o discurso rap, saber se os conflitos entoados com tanto ressentimento nas canções tornavam possível a utilização de espaços de exercício livre da cidadania, caso contrário estaria propondo a existência de um local de mediação para sujeitos impossibilitados absolutamente de frequentá-los (fática e/ou simbolicamente). Decidi, então,

---

<sup>68</sup> RACIONAIS MC's. Negro Drama. Mano Brown [Compositor]. In: **Nada como um dia após o outro dia**; Cosa Nostra, p 2002. 2 CD (ca. 110 min). Faixa 5 (5min 19s).

<sup>69</sup> BATISTA, Vera Malaguti. **Introdução crítica à criminologia brasileira**. Rio de Janeiro: Revan, 2011, p.14.

interpretar integralmente os dois primeiros álbuns do grupo Racionais MC's (as letras são mais literais, suscetíveis à descrição linear).

A análise — em conjunto com a leitura de outras obras já publicadas sobre o tema — permitiu concluir que há um projeto no discurso rap. O projeto precisa afirmar a segregação, nomeá-la, escancará-la. Isto não é a mesma coisa que afirmar que a segregação faz parte do projeto. Enquanto houver segregação, trata-se de confrontá-la através da autovalorização comunitária, o que é distinto de produzir fronteira com o intuito declarado da separação. O discurso é sinuoso e na última década parece ter assumido o rumo da mediação, como destaquei no início deste tópico. De qualquer forma, os jovens das camadas médias, por sua vez, parecem estar dispostos a arriscar o contato, abrir a porta, compartilhar a praça, arriscar: desviar, transgredir. As estratégias são diferentes, mas ambas respondem ao segregacionismo. Este foi o objetivo do capítulo anterior: demonstrar relações entre formas de socialidade produzidas em espaços distintos.

Não posso afirmar o impacto que os espaços de exercício livre da cidadania estão causando na lógica segregacionista da metrópole, como não posso afirmar que o projeto dos sujeitos periféricos presente no rap esteja alterando estatisticamente o modelo fraticida nas periferias. Mas há um projeto nas camadas médias que transgride a separação e há um projeto nas camadas periféricas que denuncia a separação. Creio que seja um elo comum e acredito que há espaços para tornar este elo, laço: laço político, laço afetual — enlaces que não escaramucem a diferença. Leio o resultado do trabalho como uma mediação criminológica entre camadas culturais distintas que, por sua vez, estão realizando mediação cultural nos atravessamentos de suas vidas cotidianas: “A ditadura segue meu amigo Milton/A repressão segue meu amigo Chico/Me chamam Criolo e o meu berço é o rap/Mas não existe fronteira pra minha poesia, pai<sup>70</sup>”.

---

<sup>70</sup> Disponível em: < <http://www.criolo.net/videos.html>>

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.
- AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**: o arquivo e a testemunha. Homo Sacer III. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.
- AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- AGIER, Michel, **Antropologia da cidade**: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- ALBRECHT, Peter-Alexis. **Criminologia**: uma fundamentação para o Direito Penal. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.

ALIMENA, Carla Marrone. **Conflitualidades em trânsito:** discursos jurídicos e de gênero no G8-Generalizando (SAJU-UFRGS). 2011. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32651/000788055.pdf?sequence=1>>. Acesso em 10 de maio de 2014.

ALVAREZ, Marcos César. **Controle social:** notas em torno de uma noção polêmica. São Paulo: Perspectiva, v. 18, 2004.

ALVES, Marcelo Mayora. **Entre a cultura do controle e o controle cultural:** um estudo sobre práticas tóxicas na cidade de Porto Alegre. Lumen Juris: Rio de Janeiro, 2010.

ANDRADE, Vera Regina Pereira de. **Pelas mãos da criminologia:** o controle penal para além da (des)ilusão. Rio de Janeiro: Revan, 2012.

ANDRADE, Vera Regina Pereira de. **Sistema penal máximo x cidadania mínima:** códigos da violência na era da globalização. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2003.

ANITUA, Gabriel Ignacio. **Histórias dos pensamentos criminológicos.** Rio de Janeiro, Revan, 2008.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares:** introdução a uma antropologia da supermodernidade. 5 ed. Campinas: Papyrus, 2005.

AZEVEDO, Rodrigo Ghiringhelli. **Sociologia e justiça penal:** teoria e prática da pesquisa sociocriminológica. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.

AZEVEDO, Rodrigo Ghiringhelli de. **Visões da Sociedade Punitiva: Elementos para uma Sociologia do Controle Penal.** In: GAUER, Ruth M. Chittó (org.). **Sistema penal e violência.** Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.

BAIERL, Luzia Fátima. **Medo social.** São Paulo: Cortez, 2004.

BARATTA, Alessandro. **Criminologia crítica e crítica do direito penal:** introdução a sociologia do direito penal. Trad. Juarez Cirino dos Santos. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

BARTHES, Roland. **A câmara clara:** nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Saraiva, 2012.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BATISTA, Nilo. Política criminal com derramamento de sangue. In: **Revista Discursos Sediciosos: Crime, Direito e Sociedade**. v. 5/6. Instituto Carioca de Criminologia. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1998.

BATISTA, Vera Malaguti (Org.). **Criminologia de cordel** - Paz Armada. Rio de Janeiro: Revan, 2012.

BATISTA, Vera Malaguti (Org.). **Criminologia de cordel 2** – Tamborzão: A criminalização do Funk. Rio de Janeiro: Revan, 2013.

BATISTA, Vera Malaguti. **Difíceis ganhos fáceis: drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro**. 2 ed. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

BATISTA, Vera Malaguti. **Difíceis ganhos fáceis: drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro**. 2 ed. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

BATISTA, Vera Malaguti. **Introdução crítica à criminologia brasileira**. Rio de Janeiro: Revan, 2011.

BATISTA, Vera Malaguti. **O medo na cidade do Rio de Janeiro: Dois Tempos de uma História**. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **A ética é possível num mundo de consumidores?** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Mundo consumo: ética do indivíduo em la aldea global**. Barcelona: Paidós, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BECKER, Howard. A escola de Chicago. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, Out. 1996. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93131996000200008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131996000200008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 25 de Junho de 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93131996000200008>.

BECKER, Howard S. **Falando da sociedade**: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BECKER, Howard. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2011.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BUARQUE, Chico. **Vida**; São Paulo: Universal Music, p 1980. 1 CD (ca. 45 min).

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: 34; São Paulo: Edusp, 2000.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Inscrição e circulação: novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo. **Novos estudos** - CEBRAP, São Paulo, n. 94, Nov. 2012. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002012000300002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002012000300002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 06 jun 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002012000300002>.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

CANETTI, Elias. **Masa y poder**. Barcelona: Munchnik, 1981.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas extremas**: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CANEVACCI, Massimo. **Fetichismos visuais**: corpos erópticos e metrópole comunicacional. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

CARVALHO, Salo. Criminologia cultural, complexidade e as fronteiras de pesquisa nas ciências criminais. In: **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, v. 81, São Paulo, 2009.

CARVALHO, Salo. In: PANDOLFO, Alexandre Costi; SONGHEN, Clarice. **Encontros entre Direito e Literatura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTRO, Lola Aniyar. **Criminologia da libertação**. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

CIDADE de Deus. Direção: Fernando Meirelles. Brasil: New Age, 2002. 1 DVD (130 min).

CLASTRES, Pierre. **Arqueologia da violência** – pesquisas de antropologia política. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

COHEN, Albert K. **Transgressão e controle**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1968.

COIMBRA, Cecília M. B. Modalidades de aprisionamento: processos de subjetivação contemporâneos e poder punitivo. In: BATISTA, Vera Malaguti; ABRAMOVAY, Pedro Vieira. **Depois do grande encarceramento**. Rio de Janeiro: Revan, 2010.

CRAIDY, Graça. Michel Maffesoli: A estetização é a rebelião do imaginário. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 16, 2006.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-18062013-095304/>>. Acesso em: 2014-06-24.

DAMATTA, Roberto. **Conta de mentiroso**: sete ensaios de antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

DAMATTA, Roberto. Sobre o ofício de ser etnólogo ou como ter “anthropological blues”. NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 23-25.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELMAS-MARTY, Mireille. **A imprecisão do Direito**: do código penal aos direitos humanos. Barueri: Manole, 2005.

DIETER, Maurício Stegemann. **Política criminal atuarial**: a criminologia do fim da história. Revan: Rio de Janeiro, 2013.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**: ensaio sobre as noções de poluição e tabu. Lisboa: Edições 70, [s.d.].

DREYFUS, Hubert L. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: Para Além do Estruturalismo e da Hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 284.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Trad.: Hélder Godinho. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

DURAND, Gilbert. **Campos do imaginário**. Lisboa: Piaget, 1998.

DURAND, Gilbert. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998, P. 110.

EDIFÍCIO Master. Direção: Eduardo Coutinho. Brasil: Videofilmes: Imovision, 2002. 2 DVD (110 min).

ELBERT, Carlos Alberto. **Novo manual básico de criminologia**. Trad. Ney Fayet Júnior. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2009.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. Volume I. São Paulo: Dominus, 1965.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. Volume II. São Paulo: Dominus, 1965.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Global, 2007.

FERREL, Jeff. **Morte ao método**: uma provocação. Tradução de Salo de Carvalho. Publicado originalmente em: *Journal of Theoretical and Philosophical Criminology*, volume 1, número 1, 2009.

FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. **Corpo negro caído no chão**: o sistema penal e o projeto genocida do estado brasileiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Ditos & escritos V**: ética, sexualidade e política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão...** Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**: na idade clássica. São Paulo: Perspectiva, 2007.



FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Isto não é um cachimbo**. São Paulo: Paz e Terra, 1988

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Alpiarça: Passagens, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do Collège de France**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete, Petrópolis: Vozes, 1987.

FREDERICO, Celso. Da periferia ao centro: cultura e política em tempos pós-modernos. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 27, n. 79, 2013. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142013000300017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142013000300017&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 06 de julho de 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142013000300017>.

GARCIA, W. Ouvindo Racionais MC'S. In: **Teresa**, São Paulo, n.4/5, p.171, 2003. Disponível em: <[http://www.fflch.usp.br/dlcv/lb/images/stories/revista\\_teresa/teresa45.pdf](http://www.fflch.usp.br/dlcv/lb/images/stories/revista_teresa/teresa45.pdf)> Acesso em 05 de maio de 2014.

GARLAND, David. **A cultura do controle: crime e ordem social na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Revan, 2008.

GAUER, Ruth. **A fundação da norma: para além da racionalidade histórica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

GAUER, Ruth M.Chittó. **Da diferença perigosa ao perigo da igualdade**. Porto Alegre: Civitas, v.5. n. 2. 2005.

GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1990.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2010.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1990.

GUATTARI, Felix e ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 7 ed. Petrópolis: Vozes. 2000.

HARDT, Michel; NEGRI, Antonio. **Multidão**. Rio de Janeiro: Record, 1995.

HARVEY, D. et al. **Occupy**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012.

HIRATA, Daniel Veloso. Vida Loka. In: CABANES, R; et al. **Saídas de Emergência: ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

KEHL, Maria Rita. **A fratria órfã**: conversas sobre a juventude. São Paulo: Olho d'Água 2008.

KEHL, Maria Rita. Radicais, raciais, racionais: a grande fratria do rap na periferia de São Paulo. In: **São Paulo Perspectiva**, São Paulo, v. 13, n. 3, set. 1999. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88391999000300013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88391999000300013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 26 de junho de 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88391999000300013>.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. 4 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LEFRANC, Jean. **Compreender Nietzsche**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LEGROS, Patrick et al. **Sociologia do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LIMA, Renato Sérgio de e RATTON, José Luiz (Org.) **As ciências sociais e os pioneiros nos estudos sobre crime, violência e direitos humanos no Brasil**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Urbana; ANPOCS, 2011.

LINCK, José Antônio Gerzson. **A criminologia nos entre-lugares**: diálogos entre inclusão violenta, exclusão e subversão contemporâneas. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade da decepção**. Barueri: Manole, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher**: permanência e revolução do feminino. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seus destinos nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarrola, 2004.

LOVEJOY, Arthur. **A grande cadeia do ser**: um estudo da história de uma ideia. São Paulo: Palíndromo, 2005.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MADAME Satã. Direção: Karim Ainouz. Brasil/França: Videofilmes: Imagem Filmes, 2002. 1 DVD (105 min).

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

- MAFFESOLI, Michel. **A parte do diabo**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- MAFFESOLI, Michel. **A república dos bons sentimentos**. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- MAFFESOLI, Michel. **A sombra de Dioniso**: Contribuição a uma Sociologia da Orgia. São Paulo: Zouk, 2005.
- MAFFESOLI, Michel. **A violência totalitária**. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis, Vozes, 1996.
- MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**: introdução à sociologia Compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno**: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. São Paulo: Zouk, 2003.
- MAFFESOLI, Michel. **O mistério da conjunção**: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida**: variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Da periferia ao centro**: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor et al (orgs.). **Jovens na metrópole**: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.
- MARICATO, Ermínia et al. **Cidades rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.
- MELGAÇO, Lucas de Melo. **Securização urbana**: da psicoesfera do medo à tecnoesfera da segurança. 2010. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-04022011-105832/>>. Acesso em: 2014-06-04.
- MELMAN, Charles. **O homem sem gravidade**: gozar a qualquer preço. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.
- MENEGAT, Marildo. **Estudos sobre ruínas**. Rio de Janeiro: Revan, 2012.

- MENEGAT, Marildo. Prisões a céu aberto. In: BATISTA, Vera Malaguti; ABRAMOVAY, Pedro Vieira. **Depois do grande encarceramento**. Rio de Janeiro: Revan, 2010, p. 207-224.
- MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- MIL trutas, mil tretas. Direção: Ice Blue, Mano Brown, Roberto T. Oliveira. São Paulo: Imovision, 2006. 1 DVD (226 min), NTSC, cor.
- MISSE, Michel. **Acusados e acusadores**: estudos sobre ofensas, acusações e incriminações. Rio de Janeiro: Revan, 2008.
- MISSE, Michel. Cinco teses equivocadas sobre a criminalidade urbana no Brasil: uma abordagem crítica, acompanhada de sugestões para uma agenda de pesquisas. In: **Série Estudos**, n.91. Rio de Janeiro, 1995.
- MISSE, Michel. **Malandros, marginais e vagabundos**. A acumulação social da violência no Rio de Janeiro. Tese de Doutorado em Sociologia: IUPERJ, Brasil, 1999.
- MISSE, Michel. Michel Misse: Entrevista concedida a Renato Sérgio de Lima. LIMA, Renato Sérgio de e RATTON, José Luiz (Org.) **As ciências sociais e os pioneiros nos estudos sobre crime, violência e direitos humanos no Brasil**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Urbania; ANPOCS, 2011, p. 14-28.
- NAGIB, Lúcia. **A utopia no cinema brasileiro**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- NIETZSCHE, F. W. **Ecce homo**: de como a gente se torna o que a gente é. Trad. Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2003.
- NIETZSCHE, F. W. **Genealogia da moral**: uma polêmica. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- OLMO, Rosa del. **A América Latina e sua criminologia**. Rio de Janeiro: Revan, 2004.
- ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- O INVASOR. Direção: Beto Brant. Brasil: Europa Filmes, 2001. 1 DVD (97 min).
- O LEITOR. Direção: Stephen Daldry. EUA/Alemanha: Imagem Filmes, 2009. 1 DVD (124 min).
- PAGODINHO, ZECA. **Noel Rosa**: cem anos de celebração. Som Livre, 2010.
- PANDOLFO, Alexandre. **A criminologia traumatizada**: um ensaio sobre violência e representação dos discursos criminológicos hegemônicos no século XX. Lumen Juris: Rio de Janeiro, 2010, p. 33.

- PASTANA, Débora Regina. **Cultura do medo**: Reflexões sobre Violência Criminal, Controle Social e Cidadania no Brasil. São Paulo: Método, 2003.
- PENNA, João Camilo. **Escritos da sobrevivência**. Rio de Janeiro: 7letras, 2013.
- PERALVA, Angelina. **Violência e democracia**: O Paradoxo Brasileiro. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- PESSIN, Liane. **A potência do trágico na clínica psicanalítica**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- PINTO NETO, Moysés da Fontoura. **O caso Pierre Rivière revisitado por uma Criminologia da Alteridade**. Revista de Estudos criminais, v. 8, n. 30 de jul./set. de 2008.
- RACIONAIS MC's. **Escolha seu caminho**; Zimbabwe, p 1992. 1 CD (ca. 23 min).
- RACIONAIS MC's. **Holocausto urbano**; Zimbabwe, p 1990. 1 CD (ca. 30 min).
- RACIONAIS MC's. **Nada como um dia após o outro dia**; Cosa Nostra, p 2002. 2 CD (ca. 110 min).
- RACIONAIS MC's. **Raio X do Brasil**; Zimbabwe, p 1993. 1 CD (ca. 38 min).
- RACIONAIS MC's. **Sobrevivendo no inferno**; Cosa Nostra, p 1997. 1 CD (ca. 70 min).
- RAINHA Diaba. Direção: Antônio Carlos Fontoura. Roteiro: Plínio Marcos. Brasil: Canto Claro, R.F. Farias, Filmes de Lírio e Ventania Filmes, 1974. (106 min), cor.
- RAUTER, Cristina. **Criminologia e subjetividade no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 2003.
- SANTOS, Boaventura de Sousa Santos. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, Boaventura de Sousa Santos (org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 777-814.
- SILVA, Anazildo V. A lírica buarqueana. In: FERNANDES, Rinaldo de (org.). **Chico Buarque**: o poeta das mulheres, dos desvalidos e dos perseguidos. São Paulo: LeYa, 2013.
- SILVA, Bezerra da. **Malandro rife**. São Paulo: RCA, p 1985. 1 CD (ca. 40 min).
- SILVA, Hélio R. S. **Travestis**: entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SILVA, Juremir Machado da. **A miséria do cotidiano**: energias utópicas em um espaço moderno e pós-moderno. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1991.

SILVA, Juremir Machado da. **Anjos da perdição**: futuro e presente na cultura brasileira. Porto Alegre, Sulina, 1996.

SILVA, Juremir Machado. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SILVA, Rogério de Souza. **A periferia pede passagem**: trajetória social e intelectual de Mano Brown. 2012. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: <  
<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000879867>> Acesso em: 2014-06-24.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Cia das Letras, 2003

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania**: para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros**: Nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: UFMG, 2012.

SOZZO, Maximo. Postneoliberalismo y política penal em Argentina. **Seminário Internacional Izquierda y Políticas Públicas de Seguridad Ciudadana**. UNES: Caracas, 2012.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Caminhos investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. Org. de Marisa Vorraber Costa. Porto Alegre: Mediação, 1996,

VELHO, Gilberto (org.). **Antropologia urbana**: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana**: um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

VELHO, Gilberto. Biografia, trajetória e mediação. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (orgs.). **Mediação, cultura e política**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001, p. 13-28.

VELHO, Gilberto (org.). **Desvio e divergência**: uma crítica da patologia social. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

- VELHO, Gilberto. **Nobres & anjos**: um estudo de tóxicos e hierarquia. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
- VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p.36-46.
- VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade**: uma experiência de geração. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade**: ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (orgs.). **Mediação, cultura e política**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (orgs.). **Pesquisas urbanas**: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- VIANNA, Hermano. **O mistério do samba**. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: Ed. UFRJ, 2002.
- VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- VIOLA, Paulinho da. **Paulinho da Viola**; São Paulo: EMI, p 1971. 1 CD (ca. 40 min).
- WACQUANT, Loïc. **Os condenados da cidade**: estudos sobre marginalidade avançada. Rio de Janeiro: Revan 2005.
- WHYTE, William-Foote. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; VEIGA-NETO, Alfredo. **Estudos culturais da ciência & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- XIBERRAS, Martine. **A sociedade intoxicada**. Lisboa: Piaget, 1989.
- XIBERRAS, Martine. **As teorias da exclusão**. Lisboa: Piaget, 1994.
- YOUNG, Jock. **A sociedade excludente**: Exclusão Social, Criminalidade e Diferença na Modernidade Recente. Rio de Janeiro: Revan, 2002.
- YÚDICE, George. **A conveniência da cultura**: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- ZALUAR, Alba. **Da revolta ao crime S.A.** São Paulo: Editora Moderna, 1996.

ZAFFARONI, Raúl E.; BATISTA, Nilo; ALAGIA, Alejandro; SLOKAR, Alejandro. **Direito Penal Brasileiro: Teoria Geral do Direito Penal.** Rio de Janeiro: Revan, 2003, 2 ed.

ZAFFARONI, Raúl E. **Em busca das penas perdidas.** 5 ed. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

ZAFFARONI, Raúl E. **O inimigo no direito penal.** 2 ed. Rio de Janeiro: Revan, 2007.